



## MEMORIAL E NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DOCENTE

Michelle Santino Fialho  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB  
[michelle-fialho@hotmail.com](mailto:michelle-fialho@hotmail.com)

Patrícia Cristina de Aragão  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB  
[cristina-aragao21@hotmail.com](mailto:cristina-aragao21@hotmail.com)

*A vida não é a que a gente viveu e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la. Gabriel García Márquez.*

### RESUMO

Neste artigo, proponho tecer reflexões em torno de minhas memórias e história de vida, bem como de formação docente com base em meu percurso educacional contido em um memorial. Trata-se, portanto, de um estudo baseado em relato de experiência que resultou na confecção deste trabalho e no levantamento de discussões tão pertinentes para o contexto contemporâneo. Considerando que as narrativas podem ser tomadas como um potencial ao ensino, bem como às situações de preparação profissional busca-se compreender as representações e possibilidades do trabalho docente com base em um relato de experiência. Aqui, faço um recorte de minha trajetória da infância, perfazendo a minha vida escolar até a formação acadêmica e, conseqüentemente, o cotidiano docente. O objetivo geral é refletir sobre a trajetória de vida e a construção da docência com base em narrativas memorialísticas. Metodologicamente, a efetivação da pesquisa far-se-á, portanto, mediante uma discussão de abordagem qualitativa, objetivando refletir a representação das experiências pessoais na ação educativa. Amparamos nossa reflexão a partir de memórias acionadas de acordo com lembranças pessoais que emergiram ao decorrer da escrita, uma pesquisa documental realizada em acervo particular, além de uma breve revisão bibliográfica que ofereceu nosso suporte teórico, atentando-se assim à um diálogo que direciona-se, principalmente, as proposições halbwachianas. Acreditamos que a abordagem realizada a partir dos relatos de formação docente apresenta-se enquanto uma ferramenta que potencializa a prática docente. Isso significa uma evidente renovação metodológica, na medida em que tanto as memórias encontram-se permeadas de significantes que contribuem na representação do fazer docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; História de vida; Docência; Memorial.

### INTRODUÇÃO



Escrevendo a partir de memórias Lembranças que permanecem guardadas e que, indiscutivelmente, compõem parte do que sou hoje. A memória que me vê por trás das cortinas. E é exatamente a maneira de olhar, de sentir e de compreender que desenvolverá o verdadeiro sentido dessa narrativa. É essencial que olhemos, profundamente, para tudo o que conseguimos construir ao decorrer da nossa vida acadêmica. E para tudo o que ainda conquistaremos, também.

Isso é parte do que nos torna humanos, pois, confesso, é preciso coragem para olhar para si mesmo. Mas isso é vital. É inevitável. Então, e somente então, a plenitude será possível. Para essa análise, pontuamos como objetivo uma reflexão sobre a trajetória de vida educacional para que assim possamos lançar olhares acerca da construção da docência com base em narrativas memorialísticas. A efetivação da pesquisa far-se-á, portanto, mediante a abordagem bibliográfica e documental posta como constituição do referente estudo. Diante dessas considerações, observamos que as narrativas entram na pesquisa contribuindo na ampliação e perpetuação das memórias construídas pelos sujeitos, uma vez em que estão carregadas de símbolos e significados inerentes à identidade sociocultural estudada. Sobre isso:

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integram a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões matérias, sociais, simbólicas e imaginárias. (DELGADO, 2003, p. 21-22).

Enaltecer as recordações significa ter a certeza de ter usufruído de momentos impagáveis e com a vontade de vivenciar coisas que a vida ainda anseia por ensinar. Pensar essa relação é se aventurar em um caso específico. É lançar olhares para tudo o que já passei. Momento de incontáveis sensações. De sonhos que se realizaram. Que se mesclam e se incorporam a outros sonhos. Um a um. Sonhos que se transformaram nos melhores possíveis.

## **METODOLOGIA**



Sendo a metodologia o caminho necessário e imprescindível à elaboração da pesquisa, cabe aqui ressaltar como se deu o processo de investigação, considerando a abordagem técnica empregada.

O desdobramento dessas abordagens influi, imensamente, nos olhares daqueles que se debruçam sobre o processo de aprendizagem. A ação pedagógica, então, funciona como base de constituição e formação humana. Neste contexto, o espaço educacional passa a determinar, influenciar e transformar as identidades dos sujeitos, possibilitando pensar o ato de educar como um criador de situações. Foi escolhido, para isso, estabelecer alguns diálogos como ponto de partida do referente estudo. Ao entrelaçar na discussão os conceitos teóricos que ampararam a pesquisa, busca-se levantar problematizações que possam ser refletidas em consonância ao objeto de estudo.

O conceito de memória neste trabalho remonta as discussões do sociólogo Maurice Halbwachs. A relevância de suas reflexões concentra-se na afirmação de que a memória individual parte sempre de uma memória coletiva, na qual as lembranças são moldadas a partir do grupo. O autor pontua ainda que, entre essas conexões e vivências com o grupo, as lembranças tornam-se passíveis de reconstrução. Decorrente disso, lembrança em suas proposições passou a representar:

A lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada... é uma imagem engajada em outras imagens. (HALBWACHS, 2004, p.75-78).

Uma segunda referência perpassa as discussões do sociólogo Michael Pollak. Em “Memória, Esquecimento e Silêncio” o autor pontua uma abordagem acerca da emergência de memórias subterrâneas que se opõem à memória oficial. Neste ínterim, a concepção de memória que circunscreve tal discussão advém da própria obra de Halbwachs, tornando possível reter alguns traços delineadores do conceito de memória, principalmente, no que diz respeito à memória coletiva.

Diante do exposto são expressas, a seguir, as narrativas sobre as diversas relações tecidas durante o trajeto da minha vida escolar até a experiência imersa no espaço da universidade. Memórias de uma professora, historiadora e apaixonada pelo o que faz.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**



Iniciar a discussão acerca da minha aproximação com a História requer a atribuição de olhares minuciosos para a minha infância, em especial, para a minha experiência escolar. Desde criança me imaginava como professora. O mundo do quadro negro e o giz branco me encantavam, traduzindo em mim, o anseio em assumir o papel daquele que, diariamente, circulava pela sala, conferia cadernos e, insistentemente, pedia silêncio. Na minha imaginação, um bom professor necessitava de tal perfil. A ida para a escola transformou-se em uma verdadeira aventura. Como se fosse um passo a ser dado até chegar o dia em que me tornaria, também, uma professora. Não sei bem de onde surgiu tal sonho. Mas tinha a plena convicção que aquele era o meu verdadeiro objetivo.

Morava em um sítio na zona rural do município de Lagoa Seca e, como de costume, todos os dias minha mãe me levava ao grupo escolar Dr. Tarcísio Alves Tito, que ficava próximo a minha casa. Acordava cedo e passava a manhã inteira com a professora e os coleguinhas. Era um ambiente mágico, apesar de ter me apavorado nos primeiros dias de aula.

**Figura 1**

No caminho para a escola, 1997.



**Fonte: Arquivo pessoal**

Foi um momento de reconstrução, pois a minha experiência escolar ganhava forma e se materializava em uma relação prazerosa e sócio-



educativa. Ir para a escola jamais foi uma obrigação e sim um intenso prazer. Período das fantasias, das apresentações em datas comemorativas, como por exemplo, a páscoa, o dia do índio e, até mesmo, das festinhas de aniversário planejadas pelos meus pais em acordo com a professora.

Período no qual me deparei com a mais encantadora profissão: professor. Concluí a 4ª série nesse mesmo grupo escolar e, em seguida, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Irmão Damião Clemente, localizada no centro de Lagoa Seca, tornou-se a próxima etapa. Sempre estudei em escola pública e, apesar das dificuldades, nunca repeti um ano, sempre um motivo de orgulho para os meus pais.

Nesse momento do ensino fundamental, estabeleci um contato mais direto com a História. A matéria expôs um mundo, inteiramente fantástico. Uma verdadeira viagem ao tempo. E era justamente assim que me via, fazendo uma viagem pela História. Prossegui recolhendo experiências e acumulando um desejo incontrolável em me especializar na disciplina. A História tornou-se um refúgio e uma fonte de incessante conhecimento. Para tanto, o convívio com os professores, as conversas ao fim da aula e os conselhos de quem entendia do assunto contribuíam para incutir uma afirmação na minha decisão. Mais do que nunca sabia o que queria fazer.

Nessa época todos os professores apresentavam uma relação muito próxima de seus alunos, o que me fazia perceber a possibilidade de estabelecer laços de amizade para além da sala de aula. Por um mês, tive que me afastar por motivos de saúde. Passei então a receber e fazer as atividades em casa. Para isso contei com a compreensão e ajuda de todos os professores que fizeram o possível para que eu não perdesse o ano letivo. Assim que uma atividade ficava pronta, minha mãe fazia questão de ir pessoalmente entregar na escola. E assim essa rotina se prolongou até o dia em que eu já estava recuperada da cirurgia. O fato de ter ficado ausente por alguns dias da sala de aula

Os professores atuavam de maneira permanentemente ativa nas suas formas de pensar e agir com a turma, mostrando-se preocupados, compreensivos e, acima de tudo, responsáveis com o andamento da aula, isto porque ao entrarem na sala, sempre buscavam estabelecer uma ligação atenta e comunicativa, trazendo a afetividade e a escuta para a base de sua reflexão como uma forma de estabelecer afinidades.

Recriei, a partir desse imaginário, o caminho a ser trilhado para o desenvolvimento da minha prática pedagógica. Foi justamente pensando nessa prática que me tornei ciente de que não bastava somente repassar conteúdos em sala

de aula, mas sim, também resgatar conhecimentos mais amplos para que os alunos pudessem interpretar suas experiências e aprendizagens na vida social para a criação de um ambiente acolhedor que una ambos os lados.

A paixão pela docência, que veio desde a infância, articulava-se, assim, com um saber específico: a História. Chegava o tão esperado ensino médio e, nesse momento, fui matriculada na Escola Estadual Francisca Martiniano da Rocha. Adquiri certa maturidade, comprometimento e um interesse maior pelos estudos. Comecei, neste momento, a desenvolver uma forte aversão à uma História de decorar ou do passado pelo passado. Irritava-me profundamente quando alguém dizia que “estudar História nada mais era que apenas decorar datas”. Ou até mesmo que “era uma das disciplinas mais chatas que existiam”.

Foi no cursinho pré-vestibular oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba, que o ânimo reafirmou-se. Um professor, em especial, me inspirava imensamente me fazendo enxergar a presença de um leque de possibilidades para se trabalhar e lidar com as práticas didáticas. Buscava sempre deixar claro que a História não tem uma versão única, utilizando os mais variados meios de pesquisa e recursos para despertar nos alunos o interesse pela disciplina. Um professor completo, eu diria. Que fugia dos padrões. Que transformava noventa minutos de aula em uma verdadeira viagem ao tempo. Cantava, dançava, encenava articulando a sua didática ao teor histórico.

Passei a encarar todo o processo educativo com olhos de transformação. Uma pequena atitude tomada em sala de aula pode, sim, mudar os rumos da prática. E estas reflexões são essenciais para lidar com o quadro da educação sendo, portanto, o primeiro passo para o desempenho docente.

Percebi também que o vestibular representava muito mais que um processo seletivo. Trazia em si uma simbologia criada em torno da figura do professor. E era exatamente neste ponto que queria chegar. A aprovação no vestibular tornava o sonho possível e real e a atribuiu ao status de universitária um vislumbamento inimaginável. Tornei-me uma graduanda da Universidade Estadual da Paraíba.

Foi nessa época do curso que me inscrevi e participei do primeiro evento para apresentação de trabalho na modalidade de comunicação oral. Aquele mesmo artigo elaborado para a disciplina abriu-me as portas para a *V Semana Regional de História do CFP/UFCG* em Cajazeiras. Lá tive a parceria da minha professora, a qual me acompanhou na apresentação.

## Figura 2



Apresentação do trabalho no evento em Cajazeiras, acompanhada da minha professora orientadora no artigo, 2013.



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Ainda durante o curso de História, já no início do segundo semestre, entrei em contato com as pesquisas científicas através de uma seleção realizada para bolsistas no programa PIBIC (**Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica**). Foram ao todo dois anos de projeto, de pesquisas e aprendizado, juntamente com o vice-coordenador do curso na época. Contato com um mundo, completamente, envolvente e com parcerias que se consolidaram ao lado dos mestres.

Durante a graduação tive, ainda, o primeiro contato com uma sala de aula enquanto docente. Tratava-se do estágio supervisionado, o qual foi muito importante para a aquisição da prática profissional. A partir dele e ao estabelecer uma parceria e um contato mais direto com a comunidade escolar, percebi a importância do ensino e aprendizagem na formação escolar de crianças e jovens.

No terceiro ano do curso comecei a lecionar na minha cidade. Isto implicou uma importância extrema ao decorrer da minha graduação, pois tomei conhecimento de uma experiência real, vivenciada na prática. Eram duas turmas de Educação de Jovens e Adultos em uma escola da zona rural do município de Lagoa Seca. Ao mesmo tempo em que estava eufórica em poder desenvolver a prática na sala de

aula e ter meu primeiro contato com a docência, me senti verdadeiramente apavorada e angustiada, talvez pelo medo de errar em algo. As aulas ocorreram no turno da noite para o ensino fundamental. Essas foram as minhas primeiras turmas enquanto professora de História.

**Figura 3**

Meus primeiros alunos do 8º EJA, 2013.



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Tínhamos nas mãos uma tarefa que não era nada fácil, pois a maioria dos nossos alunos eram agricultores ou trabalhavam o dia todo no comércio da cidade e ao chegar a noite na sala de aula, o cansaço era visível. Procuramos então envolvê-los em atividades extras para motivá-los cada vez mais e também como uma forma de levantar a autoestima deles.

As inquietações e a intensa curiosidade, que persistem, atualmente, me lançaram diante da possibilidade de reconstrução da memória, construindo assim, minha trajetória acadêmica sempre em busca do aperfeiçoamento e de uma formação complementar. A cada dia que passava, sentia que estava mais próxima de concluir o curso. O que me deixava feliz e triste ao mesmo tempo. Era como se uma espécie de nostalgia misturada com ansiedade tomasse conta de mim. Mas sabia, perfeitamente, que haveria ainda um longo caminho pela frente, permeado de dúvidas e decisões que deveriam ser tomadas. Esse caminho chamava-se TCC. Não sabia ao certo sobre o que gostaria de pesquisar e, conseqüentemente, escrever.





Muito menos quem seria o escolhido ou escolhida para me orientar neste árduo percurso.

Nesse espaço de tempo foi solicitado pelo componente curricular Contemporânea I a elaboração de um artigo a ser entregue para obtenção de nota no referente semestre. Foi quando a decisão de fato se concretizou, tanto para a disciplina como para o trabalho de conclusão de curso. Escolhi escrever sobre a alimentação francesa durante o século XVIII. Essa temática, contudo, não foi completamente levada para a escrita do TCC. Mas o tema principal que iria desenvolver minha narrativa seria ‘alimentação’. Comecei, então, a pesquisar sobre o tema. Livros, artigos, filmes e documentários sobre a temática me deixaram cada vez mais fascinada pelo universo gastronômico.

A cada pesquisa e leitura me sentia envolvida pela simbologia presente na comida. Veio aí, a certeza de que este seria, sem medo de errar e se arrepender, o meu tema de TCC. A defesa da monografia seria o momento de expor todo o aprendizado somado durante os quatro anos de curso. Seria o momento de defender minha escrita diante de professores que admirava e respeitava. Uma experiência que só acrescentou.

#### **Figura 4**

Dia da defesa da minha monografia, com os professores que compuseram a banca, José Júnior e Patrícia Aragão e meu orientador José do Egito Negreiros.



**Fonte: Arquivo Pessoal**



O aprendizado de História mostrou-me seu lado valioso: através de discussões, debates e trocas de experiências, desenvolvendo a possibilidade de construção do saber histórico, me sentia uma historiadora nata. Orgulhava-me em poder dizer: sou graduada em História pela UEPB.

### **Figura 5**

Colação de grau UEPB, 2014.



**Fonte: Arquivo Pessoal**

Contudo não queria parar por aí. Uma parte dos meus objetivos já estava concluída, mas almejava mais. Assim que recebi o diploma, decidi me dedicar ao máximo aos estudos para seleções de mestrado, pois sabia que seria necessário caso eu quisesse ser aprovada. Durante esse tempo, continuei participando de eventos. Em um deles, na Semana de História realizada no campus III da UEPB em Guarabira, obtive a aprovação para ministrar um minicurso. Foi o momento no qual tive a oportunidade de expor os resultados alcançados com a minha monografia.

Resolvi montar um cronograma de estudos para, assim, conseguir organizar melhor meu tempo, afinal, eram três seleções que gostaria de participar naquele ano e, com isso a carga de leituras tornou-se bem maior. Foi quando veio o processo seletivo na UEPB, para o Programa de Pós-Graduação em Formação de



Professores. Não pensei duas vezes e decidi encarar essa etapa, afinal a área de educação já fazia parte de mim e da minha própria prática docente. Foram três etapas da seleção e nas três obtive êxito. Ali, mais um sonho se concretizava e a felicidade da aprovação se tornava real novamente. Retornaria para a instituição na qual me licenciiei em História, só que agora como pós-graduanda.

Foi, definitivamente, uma paixão pela docência. Sem risco de arrependimento, sem risco de desânimo, sem risco de julgamentos. Quero dizer com isso que, hoje tenho a certeza que fiz a escolha certa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por mais simples que essa narrativa possa representar, em termos práticos, eis que chega a fase de recomeços. Usufruir e relembrar das colheitas significa que minha plantação deu certo. No âmago dessa luta, encontrei sempre uma plenitude que me permitiu continuar. Que realizou meus sonhos e que incitou a seguir adiante. Penetrei em um vasto território desconhecido, porém, humano. Um lugar de aspirações, impulsos e parcerias. E nesse lugar as minhas escolhas se tornaram um projeto compartilhado.

Tive várias participações nessa construção. Família, amigos de infância, desconhecidos que se tornaram amigos. Todo esse processo de construção do conhecimento, da minha trajetória escolar e acadêmica me ensinou algo muito importante: uma conquista nasce de muitas vidas, de pessoas que se ajudam, de vínculos. E sabe o que aprendi com tudo isso? A traçar um caminho e a ter foco.

A assumir responsabilidades. A ser gente grande quando tanto queria ser criança. Não hesito em dizer que minhas dúvidas, meus medos e ansiedade tornaram essa trajetória acadêmica uma mistura de emoções. E talvez seja essa a premissa da vida: saber demonstrar sentimentos sem parecer um inepto e alimentar os ânimos sem parecer um maníaco por sonhos.

É engraçado observar como, cada vez mais, as consecutivas experiências me ensinaram algo. E convenhamos, aprendi muito ao decorrer da minha formação. Pessoas diferentes, mas vontades iguais. Com sonhos diferentes, mas ímpetos de mudanças iguais. As coisas aconteceram e apesar dos pesares, essas experiências foram agregadoras de fortalecimento. Desferi sorrisos e, até mesmo, lágrimas. Avolumei em busca de novas alegrias



e admito, me diluí nesta mescla única de nostalgia inexprimível e uma prazerosa realização.

A vida vai passando e o que sobra são as recordações. Ah, essas lembranças, ninguém, tira da gente!

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, n. 6, 2003, p. 9-25.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.